

**SANDOVAL FEITOSA
DEFENDE NOVA LEGISLAÇÃO PARA UM
SETOR ELÉTRICO MAIS ACESSÍVEL,
RESILIENTE E SOCIALMENTE MAIS JUSTO**

SANDOVAL FEITOSA
DIRETOR-GERAL DA ANEEL

JUDICIÁRIO

MÁRCIA BARROS TRANSFORMA
ESCUTA, MEDIAÇÃO E LEITURA EM
PRÁTICAS SOCIAIS NO DF

GOVERNO FEDERAL

BRASIL LIDERA ALIANÇA GLOBAL COM
PAÍSES AFRICANOS PARA COMBATER A
FOME

MÚTUA

ENGENHARIA COM PROTAGONISMO
FEMININO: SEMINÁRIO NA PARAÍBA
DEBATE EQUIDADE E HOMENAGEIA
LIDERANÇAS

Diretor Executivo

Sérgio Botelho Júnior

Editor e Jornalista Responsável:

Sérgio Botelho Júnior

DRT 8318/DF

botelhojunior73@yahoo.com.br

Contato:

(61) 99641-0830

Jornalista:

Tércia Diniz

MTB: 0010821/DF

Diagramação e artes

@emanollo

Fotografias:

- Assessorias
- Agência Senado
- Agência Brasil
- Agência Brasília
- Pixabay
- Freepik
- Wikipédia
- Internet
- E Arquivo Pessoal

**O conteúdo dos anúncios
são de responsabilidade do
anunciante.**

Tiragem

5.000 exemplares

Valor Unit.: R\$ 4,53

CNPJ

28.524.560/0001-64



PÁGINAS AMARELAS

06

A força do conhecimento na transformação social: a trajetória de Carmem Eleonôra



CAPA

16

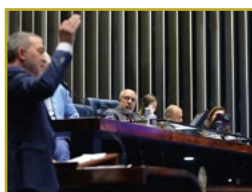
Sandoval Feitosa defende nova regulação para um setor elétrico mais resiliente e acessível



GOVERNO FEDERAL

26

Brasil lidera aliança global com países africanos para combater a fome



SENADO

32

Congresso celebra Conab por atuação na redução da fome



CÂMARA DOS DEPUTADOS

34

Para Motta, projeto sobre isenção do IR deve ser aprovado pelo Congresso até 30 de setembro



MÚTUA

42

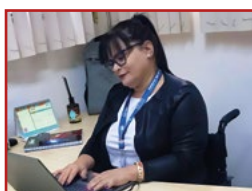
Engenharia com protagonismo feminino: seminário na Paraíba debate equidade e homenageia lideranças



SAÚDE

46

Método de musculação terapêutica criado por Saulo de Tarso Silva transforma reabilitação física no Brasil



INCLUSÃO

50

A trajetória da Pessoa com deficiência através dos tempos e o Capacitismo

DEMOCRACIA E SOBERANIA NÃO SE CURVAM A PRESSÕES EXTERNAS

A recente declaração do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em defesa de Jair Bolsonaro, ocorre no momento em que o Supremo Tribunal Federal julga ações relacionadas à tentativa de golpe de Estado no Brasil. Ao afirmar que o processo contra Bolsonaro é uma “caça às bruxas” e exigir que o Brasil “deixe Bolsonaro em paz”, Trump não apenas ignora os fatos apurados pela Justiça brasileira, como ultrapassa os limites do respeito à soberania de uma nação.

Não cabe a qualquer autoridade estrangeira interferir em decisões que competem exclusivamente às instituições brasileiras. A democracia pressupõe autonomia dos Poderes e respeito às leis nacionais. A tentativa de transferir conflitos internos para o palco internacional apenas reafirma a estratégia política de Bolsonaro, que insiste em deslegitimar os mecanismos de controle democrático.

O presidente Lula foi direto ao rechaçar qualquer interferência externa. Ao afirmar que “ninguém está acima da lei” e que o Brasil tem instituições sólidas para lidar com seus próprios desafios, Lula respondeu a Trump, bem como reforçou o papel do Estado de Direito diante de ataques autoritários. O recado é claro: o país não aceitará pressões externas para blindar quem ameaçou a ordem constitucional.

A defesa de Bolsonaro por Trump não surpreende. Ambos compartilham uma trajetória marcada por ataques ao sistema eleitoral e por tentativas de desacreditar a Justiça. Mas o Brasil, diferentemente de experiências recentes em outros países, tem se mantido firme no caminho legal, fazendo prevalecer o processo democrático sobre qualquer aventura golpista.

Ao buscar apoio de lideranças estrangeiras contra as instituições nacio-

nais, Bolsonaro evidencia mais uma vez sua disposição em romper com os princípios da autodeterminação e da legalidade. Trata-se de uma atitude grave, que não pode ser normalizada.

A democracia brasileira foi testada em diferentes momentos de sua história, e sobreviveu. Agora, o país enfrenta o desafio de responsabilizar, com base nas leis e no devido processo, quem tentou destruí-la por dentro. O julgamento em curso não é político. É jurídico, baseado em provas, e conduzido por uma Corte legítima.

Não há espaço, portanto, para retóricas externas que busquem manipular a opinião pública ou constranger a Justiça brasileira. O Brasil deve seguir seu próprio caminho, com independência e responsabilidade. Defender a democracia é também proteger a soberania nacional — inclusive contra aliados autoritários.



A FORÇA DO CONHECIMENTO A TRAJETÓRIA DE C

Em um cenário ainda marcado pela desigualdade de gênero nas áreas técnicas, a trajetória de Carmem Eleonôra Cavalcanti Amorim Soares se destaca pela combinação de formação multidisciplinar, atuação institucional e compromisso com a ética e o empoderamento feminino. Engenheira civil, advogada, arquiteta e urbanista, ela preside atualmente a Associação Paraibana de Engenheiras, Agrônomas e Geocientistas (APEAG) e coordena iniciativas voltadas à inclusão, à educação e à representatividade das mulheres na engenharia e ciências afins.

Desde a infância, Carmem foi incentivada a estudar, compartilhar e enfrentar os desafios impostos pela estrutura social. Com uma base familiar centrada em valores éticos, aprendeu a transformar obstáculos em impulso. Essa postura a levou a ocupar cargos de liderança em instituições como o Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) e a Mútua, onde foi a primeira mulher a assumir posições de destaque, abrindo caminho para maior participação feminina nesses espaços.

Sua formação técnica se articula com a atuação em projetos sociais e educacionais. A experiência no exterior contribuiu para o intercâmbio de práticas e tecnologias, ampliando a capacidade de diálogo e de construção de redes de colaboração em benefício do Brasil. A visão integrada das áreas do conhecimento que domina a permite propor soluções com base técnica, sensibilidade estética e responsabilidade legal.

Diante disso, Carmem lidera o projeto "Ética nas Escolas", criado inicialmente para o ensino superior e que, a partir de 2023, passou a alcançar também o ensino fundamental. A proposta é estimular, desde cedo, o senso de responsabilidade cidadã, o combate à corrupção e o respeito ao bem público, aproximando estudantes de temas muitas vezes ausentes no currículo tradicional.

Já na APEAG e em entidades como a FAMEAG, articula ações que promovem a presença feminina nas profissões tecnológicas. Workshops, rodas de conversa e programas de mentoria ajudam a criar redes de apoio e visibilidade para as mulheres que enfrentam resistências estruturais em ambientes predominantemente masculinos.

Com publicações sobre ética e mobilidade profissional, Carmem vê nesses dois campos caminhos estratégicos para preparar profissionais para um mundo globalizado e ao mesmo tempo consciente de suas responsabilidades sociais. Em sua atuação, une técnica e propósito, incenti-



NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: ARMEM ELEONÔRA



vando a próxima geração de profissionais a trilhar percursos com autonomia, sensibilidade e compromisso. Confira, com exclusividade, a entrevista com Carmem Eleonôra que compartilha os desafios e conquistas de uma trajetória inspiradora nas áreas técnicas e sociais.

IMAGINEACREDITE: *Como você se descreve enquanto mulher, profissional e cidadã atuante em tantas frentes distintas?*

Carmem Eleonôra: A vida me presenteou com janelas que sempre ficaram abertas, mesmo quando as portas se fecharam. Vivo com determinação e resiliência. Aprendi a conviver com o NÃO desde criança, era uma palavra que me incentivava na luta contra os preconceitos e me fazia avançar.

Sempre fui audaciosa apesar de saber que muitas vezes não fui compreendida. Enquanto mulher sou determi-

nada, brava e às vezes doce quando pressinto que alguém precisa de ajuda. Vaidosa com a saúde, quase não adoço. Me defino como mulher à frente do tempo que utiliza a inteligência para chegar aonde quer.

Como profissional tenho um lado masculino que me faz lutar em pé de igualdade. Escolhi profissões que empoderam qualquer ser humano a Engenharia com pensamentos frios, matemáticos e rigidez, no tom da régua e compasso. A arquitetura é a leveza da alma com virilidade, sensatez e pureza da alma. O urbanismo aponta para caminhos que abrem espaço para a mobilidade colada ao desenvolvimento sustentável. A advocacia sempre o fiel da balança me coloca sempre a pensar no justo antes da consequência.

A cidadã, como é bom nascer pronta para lutar por um mundo cheio de imperfeições. Criada numa família onde a ética e cidadania sempre caminharam a passos largos. Dividir um livro ou um prato de comida é lema desde os cinco anos, o porquê desse número? Idade que aprendi a ler. Lições de Soberania eram dadas lá em casa no dia a dia e o estudo era a maior ferramenta apresentada pelo meu pai e, Mammy nos levou sempre para o lado do compartilhar.

A polivalência me mostra como posso transformar coisas simples em felicidade e isto se deve ao poder de se dobrar com facilidade e ter Deus no coração. Dar o máximo de mim no dia a dia é um caminho para levar alegria e vontade de viver aos que estão ao meu redor.

IA: *O que a motivou, ao longo da vida, a conciliar tantos papéis — entre a carreira técnica, o engajamento social e a atuação em defesa da ética e do empoderamento feminino?*

CE: Conciliar diversos papéis ao longo da vida é um desafio que requer motivação, paixão e uma visão clara de propósito. A paixão pela engenharia e pelas ciências exatas com certeza foi um motor inicial, levando à busca por soluções inovadoras e à vontade de contribuir para o desenvolvimento tecnológico. O desejo de aplicar conhecimentos técnicos para resolver problemas sociais e ambientais impulsionou a dedicação à carreira, buscando sempre um impacto positivo.

Trago comigo que a crença na importância da ética nas práticas profissionais foi um fator motivador, levando à atuação em defesa de padrões éticos que garantam a integridade e a responsabilidade nas áreas técnica e so-



cial. Sempre ficou latente meu desejo de ser um modelo de comportamento ético para colegas e futuros profissionais e isto sempre me incentivou no processo de liderança em discussões sobre ética e responsabilidade.

A convicção de que os profissionais têm um papel a desempenhar na melhoria da sociedade pode ter me motivado ao envolvimento em iniciativas sociais e comunitárias. Meu desejo de promover mudanças sociais significativas e ajudar a construir comunidades mais justas e equitativas pode ter impulsionado o engajamento em causas sociais.

IA: O que representou para você ser a primeira mulher a ocupar cargos de destaque no Confea e na Mútua?



CE: Ser a primeira mulher a ocupar cargos de destaque no Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) e na Mútua Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea representa um marco significativo, tanto em nível pessoal quanto institucional. É uma realização de grande significado, não apenas para a trajetória pessoal, mas também para a promoção da igualdade de gênero e a diversidade nas áreas técnicas e de liderança.

Os anos oitenta foi um período de efervescência social, em que movimentos feministas lutavam por igualdade de direitos e melhores oportunidades para as mulheres em diversas esferas, incluindo a educação e o mercado de trabalho. Durante essa década, a presença da mulher na área de engenharia e tecnologia começou a ser mais discutida e valorizada, embora a hegemonia masculina ainda fosse uma realidade.

Momento muito rico no conselho, que contava com a presença de líderes egressos do movimento estudantil. Como instituição de peso o conselho paraibano foi sede o Movimento Constituinte Estadual, em 1986, participei ainda dos movimentos nacionais Pró-Constituinte, a convite do Presidente do Senado, Senador Humberto Lucena (in memoriam) onde estive em reuniões de comissões do Conselho Nacional das Mulheres (CNDM).

Em 1986 o Conselho Federal de Engenharia e Agronomia Confea, constituiu a Equipe de Trabalho da Mulher que elaborou a "Cartilha da Mulher na Área Tecnológica" do Confea (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia), documento histórico que buscou abordar a inserção da mulher nas profissões técnicas e científicas, refletindo um momento de crescente reconhecimento da importância da presença feminina em áreas antes dominadas por homens.

Destaque se dá ao processo de modificação do gênero no título profissional no diploma e registro das mulheres nos conselhos, que em 1986 um grupo de conselheiras de Creas formado por Carmem Eleonôra Cavalcanti Amorim Soares (Crea-PB), Lenora de Alencastro (Crea-RS), Maria Elizabeth Marinho (Crea-PE) e Marta Pordeus (Crea-RN) apresentou moção na XIX Reunião de Conselheiros Federais e Regionais para tornar obrigatória a flexão de gênero em diplomas de mulheres do Sistema. Aprovado o documento, Carmem Eleonôra solicitou ao Senador Humberto Lucena (PMDB-PB) resolução para atendimento do pleito aprovado naquele evento. De pronto o Senador reuniu no mesmo ano com o Ministro da Educação e Cultura, Marco Maciel e a engenheira paraibana quando o Ministro encaminhou determinação para as universidades da área tecnológica. As profissionais apostilaram seus diplomas e os Creas substituíram as carteiras das mulheres. Em 2000 se intensifica o trabalho em busca de uma mudança social mais ampla em busca da igualdade de gênero. E em 2012 é publicada Lei 12.605, que torna obrigatória a flexão de gênero de títulos acadêmicos e técnicos.

Assim a participação de mulheres no Sistema Confea/Crea e Mútua se intensificou, e as lideranças já despon-tavam no final da década de oitenta como coordenadoras estaduais da Mútua Caixa de Assistência dos Creas, hoje o cargo é diretora geral regional, as engenheiras Carmem Eleonôra Cavalcanti Amorim Soares, Elisabeth Alves de Oliveira, Maria de Fátima Aquery Vidal, Maria José Fer-reira Damasceno Oliveira e Marilene Mariotoni.

Em 1991 fui eleita conselheira federal do Confea, em-possada em 1992, com apenas 33 anos, sendo a primeira mulher a ocupar um cargo diretivo no Conselho Federal.

Isto mostra que minha experiência não só abriu portas para futuras gerações de mulheres, mas também contri-buiu para uma mudança cultural que valoriza e reconhece as contribuições de todos os profissionais, independente-mente de gênero. A jornada é um convite à reflexão e à ação em prol de um futuro mais inclusivo e equitativo.

O reconhecimento de minha liderança nesses órgãos foi um reflexo do trabalho árduo e da dedicação ao longo da minha carreira, mas, acima de tudo, representou uma oportunidade de inspirar outras mulheres a acreditarem em seu potencial e a buscarem posições de destaque em suas áreas. A responsabilidade que veio com esses cargos foi imensa, pois sabia que minha atuação poderia influen-ciar não apenas a percepção sobre a presença feminina na engenharia, mas também fomentar mudanças que promovem a igualdade de gênero.

Além disso, essa posição me permitiu defender políti-cas e iniciativas que priorizam o empoderamento femini-no e a equidade no ambiente profissional. Com minha atu-ação, busquei criar um espaço mais acolhedor e inclusivo, onde mulheres e homens pudessem colaborar e crescer juntos. Essa jornada também trouxe à tona a importância de mentorear e apoiar a próxima geração de engenheiras, ajudando-as a superar desafios e a se posicionar com con-fiança em suas carreiras.

Em suma, ocupar esses cargos de destaque foi uma honra e um desafio, que me motivou a lutar por um futuro mais igualitário e a reafirmar a relevância da contribuição feminina na engenharia e nas decisões que moldam nosso setor. Essa experiência não apenas ampliou meu horizon-te profissional, mas também solidificou meu compromisso com a promoção da diversidade e da inclusão em todas as esferas de atuação.

IA: Como sua formação multidisciplinar em engenharia, direito e arquitetura influenciou sua atuação profissional?

CE: Minha formação multidisciplinar em engenha-ria, direito, arquitetura e urbanismo influenciou signifi-cativamente minha atuação profissional, proporcionando uma visão abrangente e integrada que enriqueceu minha capacidade de abordar desafios complexos. A engenharia



me forneceu uma sólida base técnica e analítica, permi-tindo-me entender os aspectos práticos e funcionais dos projetos, além de desenvolver habilidades de resolução de problemas. Essa formação técnica é essencial para garan-tir a viabilidade e a eficiência das soluções propostas.

O conhecimento em direito complementou essa base, trazendo uma compreensão profunda das questões legais e regulatórias que cercam a prática profissional. Isso me capacitou a atuar de maneira ética e responsável, garan-tindo que todos os projetos estejam em conformidade com as normas e legislações vigentes. Essa perspectiva legal é fundamental para mitigar riscos e evitar conflitos, permi-tindo uma gestão mais eficaz de projetos e equipes.

Por outro lado, a formação em arquitetura e urbanis-mo acrescentou uma dimensão estética e criativa ao meu trabalho. Essa formação me ensinou a valorizar o design e a funcionalidade dos espaços, promovendo soluções que não apenas atendem às necessidades técnicas, mas também criam ambientes agradáveis e sustentáveis. Essa combinação de habilidades me permite trabalhar de for-ma colaborativa com diferentes profissionais, facilitando a comunicação entre as áreas e promovendo uma aborda-gem holística em cada projeto.

Além disso, essa diversidade de conhecimentos me possibilitou uma maior empatia e compreensão das diver-sas perspectivas envolvidas em um projeto, seja com clien-tes, colegas de trabalho ou a comunidade afetada. Essa habilidade de integrar diferentes disciplinas e pontos de vista tem sido essencial para o sucesso das minhas inicia-tivas, permitindo-me contribuir de maneira significativa para a criação de soluções inovadoras e sustentáveis que atendem tanto às demandas técnicas quanto às necessi-dades sociais. Em suma, minha formação multidisciplinar não apenas ampliou meu repertório de habilidades, mas também moldou minha abordagem profissional, tornan-do-a mais completa e eficiente.

IA: De que forma sua experiência internacional contribuiu para o fortalecimento da representação brasileira em eventos técnicos e diplomáticos?

CE: A experiência internacional desempenha um papel crucial no fortalecimento da representação brasileira em eventos técnicos e diplomáticos.

A vivência com culturas diversas impactou positivamente no meu cotidiano do networking, pois a experiência em diferentes países permitiu o estabelecimento de redes de contato com profissionais, diplomatas e especialistas de diversas áreas, facilitando colaborações tanto de ordem profissional como pessoal, com uma melhor compreensão das dinâmicas sociais e políticas de outros países, essencial para a diplomacia eficaz.

Sempre me ative a desenvolver parcerias estratégicas em benefício do Brasil, das empresas que prestava assessoria, técnicos e corpo diplomático.

Entendo que o intercâmbio de Conhecimentos e as Práticas demonstraram que a troca de experiências com outros países permite a absorção de melhores práticas em áreas técnicas e diplomáticas, contribuindo para o aprimoramento das abordagens.

Na vivência em ambientes internacionais tive acesso a novas tecnologias e práticas que foram adaptadas e implementadas no Brasil, fortalecendo a capacidade técnica do país e que nos trouxe fortalecimento, visibilidade e representação.

A especialização em Negociação Internacional me proporcionou compreensão cultural e diplomática me habilitando a trabalhar com maior facilidade na negociação e mediação, fundamentais para a resolução de conflitos e para a construção de alianças. A formação em contextos

internacionais muitas vezes me abriu acesso a diálogos que enriqueceram meu conhecimento técnico e diplomático. Neste contexto agradeço aos grandes incentivadores Wilson Lang e Marco Maciel.

Digo que a exposição a diferentes realidades e soluções inovadoras vistas no exterior me inspiraram a novas ideias e abordagens que foram aplicadas no Brasil.

A experiência internacional é um ativo valioso para o fortalecimento não apenas da representação brasileira em eventos técnicos e diplomáticos, mas o desenvolvimento de competências, de maneira mais assertiva e influente no cenário global. A integração de experiências e saberes adquiridos no exterior não apenas enriqueceu a atuação individual, mas também fortaleceu a imagem e a presença do Brasil em diversas esferas internacionais.

IA: O que representou para você ser a primeira mulher a ocupar cargos de destaque no Confea e na Mútua?

CE: Ser a primeira mulher a ocupar cargos de destaque no Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) e na Mútua Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea representa um marco significativo, tanto em nível pessoal quanto institucional. É uma realização de grande significado, não apenas para a trajetória pessoal, mas também para a promoção da igualdade de gênero e a diversidade nas áreas técnicas e de liderança. Essa experiência não só abre portas para futuras gerações de mulheres, mas também contribui para uma mudança cultural que valoriza e reconhece as contribuições de todos os profissionais, independentemente de gênero. A jornada é um convite à reflexão e à ação em prol de um futuro mais inclusivo e equitativo.

O reconhecimento de minha liderança nesses órgãos foi um reflexo do trabalho árduo e da dedicação ao longo da minha carreira, mas, acima de tudo, representou uma oportunidade de inspirar outras mulheres a acreditarem em seu potencial e a buscarem posições de destaque em suas áreas. A responsabilidade que veio com esses cargos foi imensa, pois sabia que minha atuação poderia influenciar não apenas a percepção sobre a presença feminina na engenharia, mas também fomentar mudanças que promovam a igualdade de gênero.

Além disso, essa posição me permitiu defender políticas e iniciativas que priorizam o empoderamento feminino e a equidade no ambiente profissional. Através de minha atuação, busquei criar um espaço mais acolhedor e inclusivo, onde mulheres e homens pudessem colaborar e crescer juntos. Essa jornada também trouxe à tona a importância de mentorear e apoiar a próxima geração de engenheiras, ajudando-as a superar desafios e a se posicionar com confiança em suas carreiras.





Em suma, ocupar esses cargos de destaque foi uma honra e um desafio, que me motivou a lutar por um futuro mais igualitário e a reafirmar a relevância da contribuição feminina na engenharia e nas decisões que moldam nosso setor. Essa experiência não apenas ampliou meu horizonte profissional, mas também solidificou meu compromisso com a promoção da diversidade e da inclusão em todas as esferas de atuação.

IA: Como a atuação nos conselhos municipais e nas comissões de diversidade tem impactado sua visão sobre políticas públicas inclusivas?

CE: A atuação nos conselhos municipais e nas comissões de diversidade tem sido fundamental para moldar minha visão sobre políticas públicas inclusivas, proporcionando uma compreensão mais profunda das realidades e desafios enfrentados por diferentes grupos na sociedade. Essa experiência me permitiu observar de perto como as decisões políticas são formuladas e implementadas, além de destacar a importância de ouvir as vozes de todos os segmentos da população, especialmente aqueles historicamente marginalizados.

Trabalhar em conselhos municipais me expôs a uma variedade de perspectivas e necessidades da comunidade, revelando a complexidade das questões sociais e a interconexão entre diferentes áreas, como educação, saúde, habitação e desenvolvimento econômico. Essa interação

me fez perceber que políticas públicas eficazes devem ser construídas de forma colaborativa, envolvendo não apenas especialistas, mas também cidadãos que vivenciam diretamente os problemas. Essa abordagem participativa é essencial para garantir que as soluções propostas sejam realmente relevantes e eficazes.

Além disso, minha participação em comissões de diversidade fortaleceu minha convicção de que a inclusão deve ser uma prioridade em todas as esferas da política pública. A diversidade enriquece a tomada de decisões, trazendo diferentes perspectivas que podem levar a soluções mais inovadoras e abrangentes. Essa vivência me ensinou que políticas públicas inclusivas não são apenas uma questão de justiça social, mas também de eficiência e eficácia, pois consideram as necessidades de todos os cidadãos.

Essas experiências também me motivaram a defender a implementação de programas e iniciativas que promovam a equidade de gênero, racial e socioeconômica. Através de discussões e debates, percebi a necessidade urgente de criar ambientes que favoreçam a inclusão e a igualdade de oportunidades, não apenas nas políticas públicas, mas também nas práticas institucionais. Assim, minha atuação nos conselhos e comissões tem sido um catalisador para a promoção de mudanças significativas, reforçando meu compromisso em contribuir para um futuro mais justo e inclusivo para todos. Deixo aqui meu agradecimento aos



Dr. Harrison Targino, presidente da OAB-PB; Dra. Socorro Brito, presidente da Comissão do Direito da Pessoa Idosa da OAB-PB; a Dra. Tania Casteliano, presidente da Academia da Mulher Cabedelense em Artes, Ciências e Letras Litorânea (AMCLAC) e Dra. Augusta Carneiro presidente do Rotary Club Tambaú pelas indicações.

IA: Você é autora de diversas publicações sobre ética e mobilidade profissional. Qual dessas tem maior relevância hoje e por quê?

CE: Escrever não é dom..... é aprendido. Quando se começa a enveredar por este caminho o mundo se abre para você se modo escomunal. O conhecimento me fascina, sou apaixonada pelo novo, por aprender e repassar aquilo que foi captado.

Viagem é um hobby que cultivo desde jovem e descobrir novos mundos me levou a procurar uma maneira de levar pessoas não só para conhecer lugares, mas ter a oportunidade viver em diversas culturas e trabalhar, deixando seu conhecimento para outros povos, então foi aí que me propus a estudar a mobilidade profissional e fico muito grata ao deputado Armando Abilio, senadores Humberto Lucena, Marco Maciel e Ivandro Cunha Lima (todos in memoriam) assim como os engenheiros Henrique Ludovice, Wilson Lang e Paulo Simão me incentivaram a investir na mobilidade profissional.

Desde o início da carreira sempre gostei do tema Ética e quando conselheira do Crea-PB e do Confea passava horas me deleitando nos processos. O amor foi crescendo a ponto de querer alterar normativos e depois ensinar o tema nas faculdades e, hoje introduzo as crianças no Programa da APEAG de Empoderamento de Jovens.

Então hoje você me pergunta, qual o tema que tem maior relevância digo que são distintos. Quando você pensa em educação, desenvolvimento social e liderança, claro que o tema Ética possui uma relevância preponderante.

Mas quando você olha para o mundo globalizado, soberania, abertura de mercado e trabalho, sem dúvida a mobilidade grita alto.

IA: Como a sua atuação no Rotary Internacional e na FAMEAG contribui para o empoderamento feminino nas áreas tecnológicas?

CE: A atuação no Rotary Internacional é uma experiência enriquecedora que promove o serviço à comunidade, a liderança e a construção de redes globais de amizade e colaboração.

Meu envolvimento com essa organização de serviço que busca resolver problemas locais e globais, promovendo a paz, a saúde e o desenvolvimento sustentável, me aproxima do compromisso em ajudar os outros e promover altos padrões éticos em todas as profissões.

Participar do Rotary oferece oportunidades valiosas para desenvolver habilidades de liderança, organização de eventos e gestão de projetos. A organização proporciona treinamentos e workshops que ajudam os membros a aprimorar suas habilidades e se tornarem líderes eficazes em suas comunidades. A interação com rotarianos de diferentes países e culturas enriquece a experiência, promovendo a compreensão intercultural e a construção de redes de amizade.

O Rotary também se empenha em promover a igualdade de gênero, incentivando a participação de mulheres em suas atividades e liderança, além de buscar incluir todos os segmentos da sociedade em suas iniciativas, reconhecendo a importância da diversidade. Participar do Programa Meninas Empoderadas me estimula a criar ambientes e rodas de conversas para meninas e futuras mulheres possam se sentir à vontade para compartilhar suas experiências e desafios, promovendo um diálogo aberto sobre as barreiras que enfrentam.

Essas ações colaborativas não apenas empoderam mulheres individualmente, mas também contribuem para uma mudança cultural mais ampla, promovendo a igualdade de gênero nas áreas tecnológicas e desafiando estereótipos existentes.

Minha atuação na Federação de Associações de Mulheres da Engenharia, Agronomia e Geociências (FAMEAG) tem sido com ação para promover o empoderamento feminino nas áreas tecnológicas. A FAMEAG se dedica a fortalecer a presença e a voz das mulheres em profissões tradicionalmente dominadas por homens, e minha participação nesse espaço me permite contribuir ativamente para essa missão.

Uma das principais maneiras pelas quais minha atuação na FAMEAG impacta o empoderamento feminino é por meio da promoção de iniciativas de capacitação, busco workshops, palestras e eventos que conectam mulheres em diferentes estágios de suas carreiras, conseguimos criar uma rede de apoio que encoraja o desenvolvimento profissional e pessoal. Essas oportunidades de aprendizado não apenas melhoram as habilidades técnicas das participantes, mas também fortalecem sua confiança e autoestima, fundamentais para que possam se destacar em suas áreas.

Além disso, a FAMEAG atua na sensibilização sobre a importância da diversidade de gênero nas profissões tecnológicas. Por meio de campanhas e ações de advocacy, buscamos influenciar políticas públicas que promovam a inclusão e a equidade nas instituições de ensino e no mercado de trabalho. Essa luta é essencial para garantir que as mulheres tenham acesso igualitário a oportunidades e recursos, contribuindo para a construção de um ambiente mais justo e representativo.

Minha participação na federação também me permite ser uma voz ativa na discussão de questões relevantes para

as mulheres nas áreas tecnológicas, como a conciliação entre vida profissional e pessoal, a luta contra a discriminação de gênero e a promoção de ambientes de trabalho mais inclusivos. Ao trazer essas questões à tona, buscamos não apenas aumentar a conscientização, mas também fomentar mudanças concretas que beneficiem todas as profissionais.

Em suma, minha atuação busco efetivar contribuição significativa para o empoderamento feminino nas áreas tecnológicas, pois promove a formação de uma comunidade forte e unida, capaz de enfrentar os desafios e celebrar as conquistas das mulheres em engenharia, arquitetura e agronomia. Através desse trabalho, espero inspirar futuras gerações a se engajar e a ocupar espaços de liderança, ajudando a transformar a realidade dessas profissões para melhor. Agradeço a nossa presidente Poliana Krüger pelo apoio sempre dado.

IA: O que a motivou a escrever sobre ética nas escolas e como vê a inserção desse tema no ambiente educacional?

CE: Durante minha infância, nos idos sessenta, meus pais passaram para mim e meus irmãos os primeiros passos da maneira correta de entender a vida e desse modo recebi as primeiras noções de valores morais, responsáveis pelo meu caráter e ferramentas para desenvolvermos a personalidade como indivíduo singular e como coletivo, pois todos lá em casa aprenderam com nossa mãe a educação que nos moldou a índole para o bem ou para o mal.

Entendo que a formação ética, hoje não é ensinada no seio da família e sim na escola e nos dias de hoje. O acesso a conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades e atitudes éticas pode contribuir também para propiciar às novas gerações como identificar quais aspectos, existentes na sociedade como um todo, são indícios de uma cultura a ser superada, não somente no âmbito político, mas também no das pequenas ações do cotidiano, que “normalizam” aspectos deletérios, no tecido social, e que se refletem em situações indesejáveis nas diversas instâncias de convívio e de interação.

O Projeto Ética nas Escolas deflagrado em maio de 2018, durante a primeira Semana Paraibana de Ética pois o evento foi realizado nas escolas com o objetivo de estimular o debate sobre a cultura da ética entre profissionais e estudantes da área tecnológica, bem como comemorar o Dia Nacional da Ética, em 02 de maio. A partir de então os eventos da ética ocorrem em maio.

A partir daquele evento, iniciado o compromisso do Crea-PB em enviar gestões junto ao setor educacional no sentido que as universidades/faculdades e escolas que possuem cursos de engenharia, agronomia e geociências inserissem no Projeto Pedagógico do Curso os conteúdos específicos e profissionais, assim como os objetos de

conhecimento e as atividades necessárias para o desenvolvimento das competências estabelecidas como Ética e Legislação Profissional, de acordo com a Novas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Em 2023 mudamos o foco, não deixando a universidade mas migrando o projeto para o ensino fundamental, às vezes na primeira fase (06 a 10 anos), outras na segunda fase (11 a 14 anos), por que nessa etapa o principal objetivo é a formação básica do cidadão, como objetivo central levar a estudantes, profissionais, professores e sociedade a ética voltada ao exercício de cidadania solidária, participação na gestão pública, controle de gastos públicos, zelo pela coisa pública, e informações e práticas educativas sobre causas, impactos, riscos, prejuízos e meios de enfrentamento da corrupção.

IA: Quais são os maiores desafios para o reconhecimento e valorização das mulheres nas engenharias e ciências atualmente?

CE: O primeiro grande desafio é a persistência de estereótipos que associam a engenharia e as ciências a uma masculinidade tradicional ainda influencia a percepção sobre a capacidade das mulheres nessas áreas. A meu ver as mulheres continuam sub-representadas em cursos de engenharia e ciências, o que limita a diversidade e a inclusão no ambiente acadêmico e profissional.

É notório a escassez de mulheres em posições de liderança e destaque nas áreas técnicas, o que muito dificulta a identificação de modelos a serem seguidos por jovens aspirantes.

As engenheiras desde a faculdade enfrentam ambientes que não são acolhedores ou que perpetuam a discriminação, o que pode levar à desmotivação e à saída prematura dessas áreas, as vezes sem terminar a graduação.

Na maioria das situações vividas pela mulher as dificuldades de conciliar vida pessoal e profissional está centrada na grande pressão para equilibrar responsabilidades familiares e profissionais que são maiores para mulheres, que para homens, o que pode impactar suas decisões de carreira.

Superar esses desafios exige um esforço conjunto de instituições educacionais, empresas, organizações e da sociedade como um todo. É fundamental promover uma cultura de inclusão, valorização e reconhecimento das mulheres nas engenharias e ciências para garantir um futuro mais equitativo e inovador.

Por fim, a falta de visibilidade das conquistas femininas nas engenharias e ciências contribui para a perpetuação da ideia de que essas áreas são predominantemente masculinas. É fundamental promover e celebrar as histórias de sucesso de mulheres nessas disciplinas, não apenas



para inspirar outras, mas também para desafiar e mudar a narrativa em torno da presença feminina.

IA: Como o envolvimento com academias de letras e artes complementa sua atuação nas áreas técnicas e jurídicas?

CE: Desde criança os livros representaram uma paixão. Meu pai nos fazia ler e apreender com o maior e melhor brinquedo que nos presenteava. Ler os clássicos não era para qualquer criança, mas minha mãe nos incentivava a jogar e ser desportistas. Se de um lado cresci o hábito da leitura, por outro me tornei atleta antes da juventude.

Não tínhamos brincadeiras de menino nem de menina, todos os sete filhos (quatro meninas e três meninos) brincavam com carrinho, boneca, bola, livro e quebra cabeça. Acho que esta diversidade me fez escolher a técnica, a arte e o senso de justiça.

Escrever sempre foi fácil (na faculdade não estudei português nem língua estrangeira pois tirei notas altas no vestibular), na escola quando era para escrever qualquer trabalho o fazia em nome dos colegas e tinha o dom de apresentar porque desde cedo representar fez parte da vida como atriz e dançarina na infância. Confesso que cantar e tocar instrumento nunca foram meu fraco e o sotaque tanto em inglês e francês foram pontos fracos, minha mana Livônia sempre foi bambambã, mas nunca deixei de me meter em qualquer conversa com gringo e resolver as paradas.

História era minha melhor disciplina e minha menor nota foi 10. Então unir história, português e leitura me fez gostar de escrever.

Durante boa parte da vida profissional escrevi documentos narrativos, textos, atos, protocolos e tratados, então entrar na academia de artes não foi difícil. O ato de escrever traz uma vantagem competitiva, de acessar pessoas com maior profundidade. Ser arquiteta e advogada auxiliou bastante para este novo hábito de minha vida, escrever.

IA: Que conselhos você daria para jovens meninas que desejam seguir carreira em áreas tradicionalmente dominadas por homens?

CE: Para jovens meninas que desejam seguir carreira em áreas tradicionalmente dominadas por homens, meu conselho é fundamentado em encorajamento, autoconfiança e a busca por oportunidades.

Primeiramente, é essencial acreditar em si mesma e nas suas capacidades. O caminho pode ser desafiador, mas

a determinação e a paixão pelo que se faz são fundamentais para superar obstáculos.

Busquem sempre se informar e se preparar. Aproveitem ao máximo as oportunidades educacionais, participando de cursos, workshops e atividades extracurriculares que estejam relacionadas à área de interesse. O conhecimento técnico é uma base importante, mas também é crucial desenvolver habilidades interpessoais, como comunicação e trabalho em equipe, que são valorizadas em qualquer profissão.

Conectar-se com outras mulheres que já estão estabelecidas na carreira é uma estratégia poderosa. Procurem mentoras que possam oferecer orientação, apoio e inspiração. Essas conexões podem abrir portas e proporcionar uma rede de suporte que é fundamental em momentos de dúvida ou dificuldade. Participar de grupos e associações voltadas para mulheres nas áreas de interesse também pode ser uma excelente maneira de encontrar apoio e compartilhar experiências.

Não tenham medo de serem audaciosas e de se posicionarem. A defesa de suas ideias e opiniões é uma habilidade valiosa. Aprendam a se expressar com confiança e a não se deixar intimidar por ambientes predominantemente masculinos. É importante lembrar que a diversidade de perspectivas é uma força e que suas contribuições são valiosas.

Além disso, estejam preparadas para enfrentar desafios e, ocasionalmente, resistência. A resiliência é uma qualidade que se desenvolve com o tempo e a experiência. Encarem os obstáculos como oportunidades de aprendizado e crescimento. Cada desafio superado fortalece a confiança e a habilidade de lidar com situações futuras.



MÁRCIA BARROS TRANSFORMA LEITURA EM PRÁTICA



Em uma sociedade marcada pela falta de escuta, pela polarização e pelo conflito, a servidora do TJDF, mediadora e escritora Márcia Barros aposta na palavra como ferramenta de transformação. “Trabalhar oferecendo um espaço de comunicação seguro, onde as pessoas podem ser ouvidas, se escutarem, e terem a oportunidade de dialogar, é de fato gratificante”, afirma. Com 18 anos de atuação em mediação de conflitos, ela diz que esse processo vai além da técnica — é serviço público com propósito.

A mediação, como explica Márcia, exige neutralidade, ética e formação específica. “A mediação é uma técnica onde um terceiro atua como facilitador da comunicação entre partes que se encontram vivenciando um conflito”, detalha. Ela

lembra que, com a reforma do Código de Processo Civil, a mediação ganhou visibilidade dentro do Judiciário, mas pode ser aplicada em várias áreas, como escolas, empresas, hospitais e territórios rurais.

Segundo ela, a escuta qualificada é uma das maiores carências da vida contemporânea. “Em um mundo que anda tão conectado, a necessidade de sentir-se ouvido e compreendido é fundamental”, observa. Para ela, a mediação contribui para relações mais pacíficas e impacta diretamente o bem-estar social.

Além do trabalho no TJDF, Márcia ampliou seu olhar para o território em que vive. Moradora de Taguatinga há quase três décadas, criou em 2020 o perfil Coletivo Reconecta DF para valorizar iniciativas positivas na cidade. “Sempre gostei de ge-

rar conexões, e por que não fazer isso na cidade que me acolhe há tantos anos?”, explica.

A proposta se fortaleceu em movimentos locais e culminou na criação da Rede Cidadã de Taguatinga (RECITA), que busca resgatar o protagonismo da cidade. “O sonho de termos uma cidade mais conectada e respeitada era, na verdade, o sonho de muitos que vivem aqui”, conta Márcia.

Hoje, ela direciona sua atuação ao projeto **@mbconexaoqueinspira**, onde compartilha reflexões sobre convivência e gestão de conflitos. “A palavra conexão é muito forte na minha caminhada. Uso esse espaço para fomentar uma comunicação mais empática”, afirma.

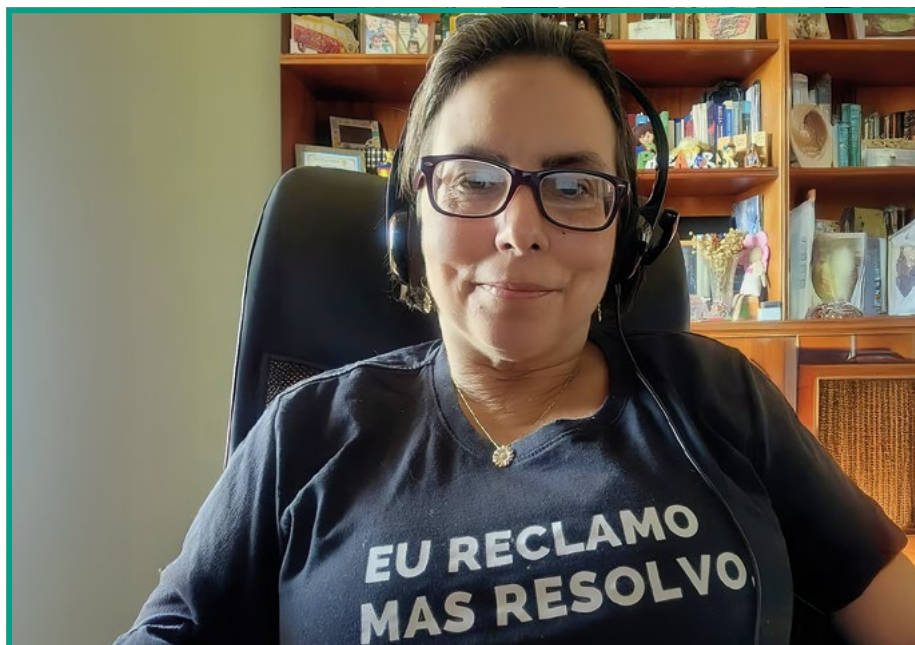
Outro eixo importante de sua atuação é a valorização da mulher por

FORMA ESCUTA, MEDIAÇÃO E CASOS SOCIAIS NO DF

meio da leitura e da escrita. Márcia é uma das coordenadora do projeto de leitura coletiva @cladaslobas.docerado, que promove encontros para a leitura do livro Mulheres que Correm com os Lobos, de Clarissa Pinkola Estés. “Adaptamos essa proposta e trouxemos inicialmente para Taguatinga, claro, não por acaso”, relembra.

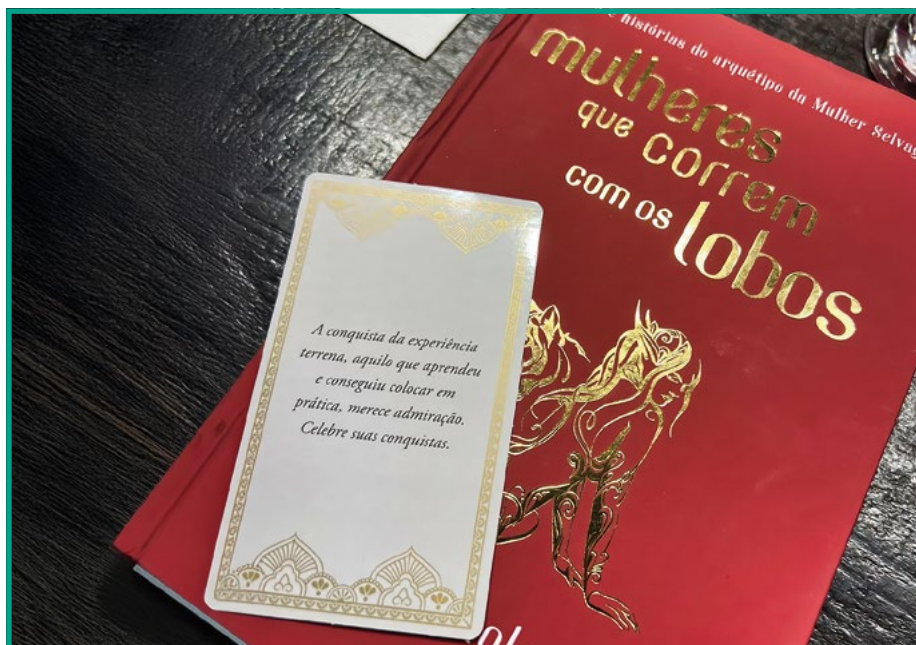
O grupo, iniciado em 2017, chegou a reunir até 30 mulheres em reuniões presenciais. Com a pandemia, os encontros migraram para o formato online e, atualmente, acontecem quinzenalmente em Águas Claras. “Quem pode participar de algumas das nossas reuniões certamente saiu impactada, se sentiu acolhida e achou um espaço seguro para se abrir”, afirma.

Casos delicados chegaram ao grupo, como relatos de violência doméstica e tentativas de suicídio. “De acordo com os nossos princípios, não fizemos nenhum tipo de julgamento, mas ouvimos, acolhemos e fornecemos colo no seu sentido mais amplo”, reforça.



Ela acredita que espaços de escuta são indispensáveis para a transformação coletiva. “Hoje quem segue conosco o faz por encontrar esse espaço, onde se pode partilhar dores, percepções e expectativas em um lugar onde há respeito, sororidade e disposição para ouvir”, diz.

De acordo com os nossos princípios, não fizemos nenhum tipo de julgamento, mas ouvimos, acolhemos e fornecemos colo no seu sentido mais amplo.



ENGENHARIA COM PROTAGONISMO PARAÍBA DEBATE EQUIDADE

A Paraíba sediou, entre os dias 17 e 18 de junho, o seminário “Mulheres Transformando o Futuro”, promovido pela Associação Paraibana de Engenheiras, Agrônomas e Geocientistas (APEAG). Com ações em Cabedelo, João Pessoa e Guarabira, a programação contou com o apoio da Mútua – Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea – e culminou em uma sessão solene conjunta da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) e da Câmara Municipal de João Pessoa, em celebração ao Dia Internacional das Mulheres na Engenharia, comemorado em 23 de junho.

A solenidade homenageou engenheiras, representantes de entidades da engenharia, autoridades públicas e personalidades que têm contribuído para o fortalecimento da presença feminina nas ciências exatas. Entre os reconhecidos, o presidente da Mútua, Joel Krüger, recebeu o título de cidadão pessoense. “Temos o programa Mútua Diversidade, cujo um dos pilares é a valorização da mulher, a inclusão das Pessoas com Deficiên-



cia, a diversidade sexual e o etarismo. Trabalhamos essa pauta das mulheres há muito tempo, desde o Crea-PR e o Confea, até atualmente na Mútua. É fundamental que a mulher seja valorizada, ocupe seu espaço e seja cuidada”, afirmou em seu discurso.

A sessão também contou com a participação de lideranças políticas e técnicas, como o deputado estadual Félix Araújo, que presidiu a solenidade. “Hoje celebramos não apenas as conquistas das mulheres engenheiras, mas também reafirmamos nosso compromisso com a igualdade de gênero e a valorização do talento feminino em todas as áreas”, declarou.

Poliana Krüger, presidente da

SMO FEMININO: SEMINÁRIO NA E HOMENAGEIA LIDERANÇAS



Federação de Associações de Mulheres da Engenharia, Agronomia e Geociências (FAMEAG), reforçou o compromisso coletivo com a equidade no setor. “Estamos deixando nossas famílias para atuar nas nossas profissões e batalhamos pelo desenvolvimento do país. O Dia das Mulheres na Engenharia foi oficializado em 2014, mas a luta é muito maior e

antiga. Pedimos respeito em todos os espaços.”

A presidente da APEAG-PB, engenheira Carmem Eleonora, destacou o desafio da representatividade

É uma honra
imensa
receber essa
homenagem
em um dia tão
significativo
para todas
nós, mulheres
engenheiras.



feminina no Sistema Confea/Crea. “Apenas 19% dos profissionais no Sistema Confea/Crea e na Mútua são mulheres. Nós, das associações e da FAMEAG, temos desbravado o país fazendo denúncias e conquistando avanços importantes para as profissionais. Sinto-me muito honrada e orgulhosa como uma mulher que já esteve presente até na Constituinte, num momento em que poucas mulheres tinham voz. É graças ao trabalho do Joel Krüger que essa pauta ganhou força.”

Durante o evento, a vice-presidente do Crea-PB, Simone Guimarães, foi homenageada e compartilhou sua reflexão sobre a trajetória das engenheiras. “É uma honra imensa receber essa homenagem em um dia tão significativo para todas nós, mulheres engenheiras. A engenharia é uma área que exige dedicação, criatividade e, acima de tudo, coragem para enfrentar os desafios. Que continuemos a inspirar e apoiar umas às outras, quebrando barreiras e construindo um futuro mais igualitário e inovador.”

A secretária de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, Lídia Moura, também participou da solenidade e chamou atenção para o enfrentamento da violência de gênero. “É importante o papel das engenheiras, mesmo sendo minoria numa profissão dita masculina, quando trazem o tema do combate à violência contra mulheres para a casa do povo.”

O presidente da Câmara Municipal de João Pessoa, vereador Dinho Dowsley, afirmou que os avanços das engenheiras paraibanas devem continuar sendo valorizados. “As engenheiras paraibanas têm se destacado em diversas áreas, quebrando barreiras e desafiando estereótipos.”

A grande homenagem se deu com a Láurea da Menção Honrosa para as pioneiras da Engenharia que as profissionais receberam. Em vídeo Margarete Coelho e Marussa, presentes Águeda Avelar, Elequicina Santos, Elisabeth Lima, Elisabeth Rodrigues, Emília Lima, Fátima Vidal(em me-





mória), Gláucia Pereira, Joel Krüger, Márcia Luna, Márcia Virgínia, Mary Marinho, Marilene Mariotoni, Roberta Castro, Sachenka d' Hora, Simone Guimarães, Virgínia Barroca e Zélia Santos. Como parceiros do evento o presidente da Associação Brasileira de Engenheiros Eletricistas ABEE-PB, Martinho Nobre e Diretor Geral da Mútua- PB, Paulo Laércio, além de Poliana Krüger e Carmem Eleonora.

A revista Imagine Acredite participou com cobertura exclusiva do evento, destacando na 29ª edição a história de Poliana Krüger. O fundador da publicação, Sérgio Botelho Junior, também foi homenageado por sua contribuição à divulgação de pautas sociais e à valorização de profissionais do setor.

Estiveram ainda entre os convidados o ex-governador Roberto Paulino, o ex-deputado estadual e atual assessor da presidência da Mútua, Raniery Paulino, a defensora pública Madalena Abrantes, a vice-presidente da OAB-PB, Janny Milanês, e o secretário de Administração da Paraíba, Tibério Limeira.

Estamos deixando nossas famílias para atuar nas nossas profissões e batalhamos pelo desenvolvimento do país.

MÉTODO DE MUSCULAÇÃO TERA TARSO SILVA TRANSFORMA RE

A musculação terapêutica tem ganhado espaço como ferramenta clínica para reabilitação física e promoção da saúde. Desenvolvido pelo fisioterapeuta e educador físico Saulo de Tarso Silva, o método propõe a utilização de exercícios de resistência com foco na individualização do tratamento e na recuperação funcional de pacientes, incluindo atletas profissionais, amadores e pessoas com lesões musculoesqueléticas.

De acordo com estudos apresentados por Saulo de Tarso Silva, a musculação terapêutica não apenas fortalece a musculatura, mas também reduz a dor e melhora a qualidade de vida. A prática é baseada em princípios científicos da fisiologia e da bio-

Com formação complementar em cursos no Brasil e no exterior, Saulo de Tarso Silva também é certificado como Fitness Trainer pela instituição internacional Link Education.



TERAPIA CRIADA POR SAULO DE REABILITAÇÃO FÍSICA NO BRASIL



de um plano específico. Segundo Saulo de Tarso Silva, “tratar a dor não é suficiente. É preciso restaurar a funcionalidade, devolver autonomia e promover saúde integral”.

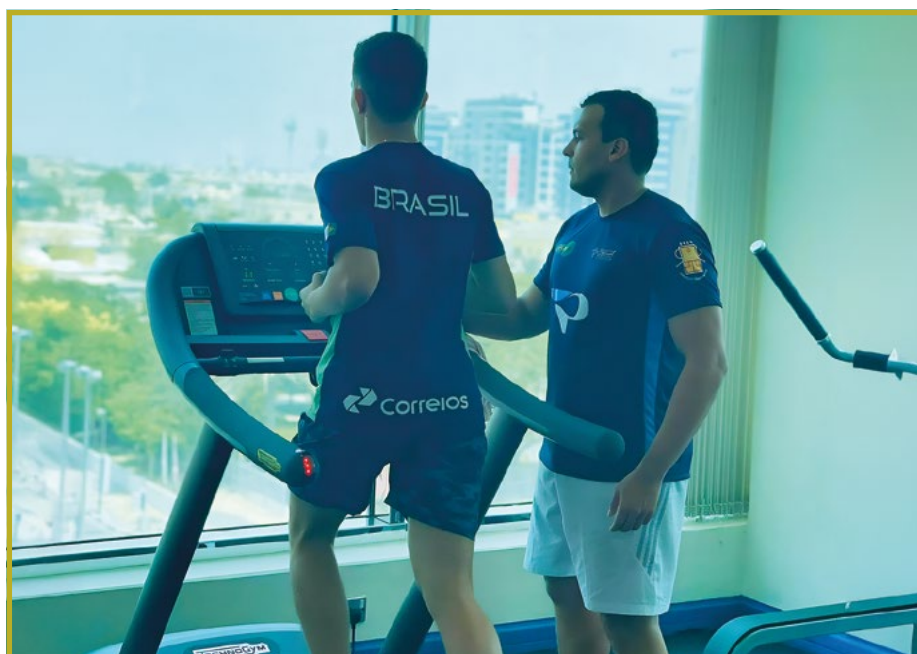
Estudos internacionais também reforçam os efeitos positivos da mus-

culação terapêutica na saúde mental, com impacto na autoestima, na motivação e na adesão ao tratamento. Esses fatores contribuem para o sucesso a longo prazo da reabilitação, especialmente em pacientes que abandonaram terapias convencionais.

mecânica, com exercícios planejados conforme as necessidades, limitações e objetivos de cada indivíduo.

Os benefícios da técnica foram observados em um estudo com 60 participantes que realizaram o programa durante 12 semanas. O resultado foi um aumento de 55% na força muscular, redução da dor de 6,5 para 2,0 na escala EVA e melhora na qualidade de vida medida pelo questionário SF-36. Os dados reforçam a musculação como uma alternativa viável no tratamento de limitações físicas.

A individualização do treino é um dos pilares da metodologia. Cada paciente passa por avaliação clínica e funcional, que orienta a construção





STUDIO CORPO INTELIGENTE: REFERÊNCIA EM GOIÂNIA

Desde 2008, Saulo de Tarso Silva comanda o Studio Corpo Inteligente, localizado na Rua C235, nº 772, no Jardim América, em Goiânia (GO). O espaço, que opera no mesmo endereço há mais de 16 anos, é dedicado exclusivamente à aplicação da musculação terapêutica com atendimento personalizado.

No estúdio, os programas são elaborados com base em avaliações

clínicas e objetivos específicos. A estrutura conta com equipamentos modernos e equipe qualificada, treinada diretamente por Saulo de Tarso Silva. O ambiente também serve como campo de pesquisa e aprimoramento da metodologia, com estudos aplicados à prática clínica.

São atendidos atletas em fase de recuperação, pacientes com dor crônica, idosos em busca de funcionalidade e pessoas que querem melhorar sua qualidade de vida. O plano de exercícios é ajustado ao longo do tempo, com foco na evolução física e

no retorno à autonomia.

O método SCI é aplicado de forma integrada, com sessões que incluem aquecimento, treino de força com resistência controlada e desaquecimento. Todo o processo é monitorado para garantir segurança, adaptação progressiva e resultados mensuráveis.

Para Saulo de Tarso Silva, o Studio representa mais que um local de atendimento: é um centro de inovação em reabilitação física. “Aqui, ciência e prática andam juntas. O paciente não segue uma rotina genérica, mas um plano construído com base em suas reais necessidades”, afirma.

Com resultados positivos e taxa de adesão elevada, o espaço se tornou referência em Goiânia e região, atraindo pacientes de diferentes perfis e idades que buscam uma abordagem moderna e eficaz para tratamento de lesões e recuperação funcional.

**Tratar a
dor não é
suficiente.
É preciso
restaurar a
funcionalida-
de, devolver
autonomia
e promover
saúde
integral.**





PROFISSIONAL COM TRAJETÓRIA CONSOLIDADA NO ESPORTE E NA SAÚDE

Saulo de Tarso Silva é fisioterapeuta graduado pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) e educador físico pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Com mais de 20 anos de experiência, é reconhecido nacionalmente pelos trabalhos realizados com clubes esportivos e atletas de alto rendimento.

Ao longo de sua carreira, Saulo de Tarso Silva atuou como fisioterapeuta no Botafogo-SP e no Vila Nova

Futebol Clube-GO. Também integrou a equipe da seleção brasileira de squash e prestou atendimento personalizado a jogadores de futebol renomados. A experiência acumulada no esporte de alto nível contribuiu para o desenvolvimento de um método aplicável tanto a atletas quanto à população em geral.

Além do esporte profissional, Saulo de Tarso Silva atende empresários e executivos que buscam condicionamento físico com segurança. Seu trabalho une os conhecimentos da fisioterapia e da educação física para oferecer soluções individualiza-

das, com foco em longevidade, mobilidade e prevenção de lesões.

Reconhecido por instituições civis e militares, o fisioterapeuta recebeu diversas homenagens, entre elas o título de Comendador, a condecoração de Personalidade do Ano no Futebol e uma medalha do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar de Goiás (BOPE).

Com formação complementar em cursos no Brasil e no exterior, Saulo de Tarso Silva também é certificado como Fitness Trainer pela instituição internacional Link Education. Ele compartilha seu conhecimento com outros profissionais da área por meio de estudos científicos, artigos técnicos e participações em congressos.

Além do trabalho clínico, Saulo de Tarso Silva atua como pesquisador e desenvolvedor do método SCI — Studio Corpo Inteligente —, voltado ao fortalecimento e reabilitação com base em avaliação funcional contínua e evidências científicas.

FIQUE POR DENTRO

Acompanhe o trabalho de Saulo de Tarso Silva pelos perfis no



@studiocorpointeligente
e
@saulots79

com conteúdos sobre prevenção de lesões, exercícios terapêuticos e o dia a dia no Studio.

Mais informações:



sci.saulo@gmail.com



(62) 99976-3069



Studio Corpo
Inteligente.



A TRAJETÓRIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA DOS TEMPOS E

Graças à crescente conscientização da sociedade, as pessoas com deficiência vêm alcançando através da mídia, de leis, decretos, e outros meios, alguns direitos antes inimagináveis. Durante décadas as pessoas com deficiências, quando não eram sacrificadas, ou mesmo ignoradas, eram cuidadas de forma paternalista ou assistencialista.

Para muitas pessoas com deficiência, o acesso à educação era tido como algo impossível, pois, acreditava-se que estas eram incapazes de socializar-se com o meio a sua volta. A pessoa com deficiência tornava-se por maioria das vezes um fardo aos seus familiares, que, por vergonha de terem em suas famílias, uma pessoa considerada inválida, as escondia em suas casas, dando a estes, tratamentos por vezes subumanos.

Para entender melhor quem é a pessoa com deficiência faz-se necessário um breve histórico desta parte da população no decorrer da história.

Progredindo pela história, nesta cultura de exclusão da pessoa com deficiência, podemos ainda citar a “Roda dos Expostos”, que no Brasil exerceu atividade entre os anos de 1726 a 1950, nela eram postas as crianças enjeitadas por suas famílias, seja por uma gravidez de uma relação extraconjugal, seja pelo fato da criança possuir alguma deficiência, o que poderia ocasionar às famílias de classes mais nobres, comentários maldosos da sociedade, ou mesmo abalar o status da família em questão por ter em seu seio uma pessoa considerada inválida para os padrões da época.

O ano de 1981 foi o marco da mudança nos conceitos que a sociedade tinha a respeito da pessoa com deficiência. Foi nesta época que teve início uma vasta campanha de conscienti-



COM DEFICIÊNCIA ATRAVÉS O CAPACITISMO



zação sobre a potencialidade dessas pessoas, passou-se então a divulgar fotos de edificações, transportes públicos que impediam a livre locomoção da pessoa com deficiência pelo país. Então, sem medo ou vergonha de expor suas limitações, as pessoas com deficiências unidas por associações, instituições diversas no Brasil deram início a sua luta de causa.

Segundo o CENSO IBGE 2020, cerca de 18 milhões de pessoas no Brasil possui algum tipo de deficiência. O Brasil é um dos campeões em acidentes de trânsito e trabalho, bem como, possui um alto índice de violência urbana, o que contribui para o crescimento do número de pessoas com deficiência.

O AVANÇO NAS TERMINOLOGIAS PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Ao longo do tempo, a forma como nos referimos às pessoas com deficiência evoluiu significativamente, refletindo mudanças na compre-

ensão e no respeito à diversidade humana. Termos que antes eram comuns caíram em desuso, pois carregavam conotações negativas, estigmas e desrespeito.

Abaixo está relacionado alguns termos que caíram em desuso e porque não devem mais ser utilizados:

Aleijado, inválido, incapacitado: esses termos focam na incapacidade, ignorando a pessoa em sua totalidade.

Pessoa Deficiente: embora ainda usado por algumas pessoas, o termo pode ser considerado redutivo.

Excepcional: esse termo pode parecer positivo, mas generaliza e não especifica a deficiência.

Portador de deficiência: a ideia de "portar" uma deficiência sugere que ela é algo que se carrega, como uma doença, ou que pode deixar de portar a qualquer momento.

Anão: O termo "anão" é frequentemente evitado devido às suas conotações negativas e estereotipadas, especialmente em relação a pessoas com nanismo, uma condição genética que afeta o crescimento ósseo. Esse termo tem sido usado historicamente de maneira pejorativa ou para ridicularizar, principalmente em contextos de entretenimento ou humor, o que contribuiu para sua rejeição como forma de respeito.

Atualmente, o termo mais apropriado é pessoa com nanismo, que coloca a ênfase na pessoa e não na condição.

Pessoa com Deficiência: A terminologia mais apropriada e respeitosa atualmente é pessoa com deficiência (PcD).





A expressão é recomendada pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Lei Brasileira de Inclusão – LBI.

Essa definição é importante porque destaca que a deficiência não está apenas na condição individual, mas também no ambiente e nas barreiras que impedem a inclusão e a acessibilidade. A convenção promove o conceito de que todas as pessoas têm direitos iguais, e que cabe à sociedade criar condições para garantir esses direitos.

O CAPACITISMO E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

O capacitismo é como um véu invisível que cobre a sociedade, tão presente que, muitas vezes, passa despercebido. Mas o que exatamente significa essa palavra que parece complicada? Em essência, capacitismo é o preconceito ou discriminação contra pessoas com deficiência. É a ideia equivocada de que, por terem necessidades específicas, essas pessoas seriam "menos capazes" ou, pior ainda, definidas exclusivamente por suas limitações.

Imagine chegar a um prédio e não encontrar rampas de acesso. Ou tentar assistir a um filme sem legendas e perceber que ele é inacessível para pessoas surdas. Esses exemplos mostram que o capacitismo não é apenas sobre atitudes individuais, mas também sobre barreiras estruturais que dificultam o cotidiano de pessoas com deficiência.

Porém, nem sempre o capacitismo é explícito. Ele também pode vir em forma de microagressões: aqueles comentários que, à primeira vista, parecem elogios, mas são condescendentes, como "Nossa, você é tão inspirador só por sair de casa." Ou quando alguém fala diretamente com o acompanhante, ignorando completamente a pessoa com deficiência, como se ela não estivesse ali.

O termo capacitismo surgiu como uma crítica às atitudes e estruturas sociais que discriminam pessoas com deficiência. Ele foi cunhado nos anos 1960 por Paul Hunt, um educador e ativista britânico, que questionava a visão predominante de que a deficiência era um problema individual a ser "corrigido". Hunt argumentava que o verdadeiro problema estava nas barreiras sociais e na falta de inclusão.

ALGUNS TIPOS DE CAPACITISMO

Capacitismo direto: Ocorre quando há discriminação explícita contra pessoas com deficiência. Exemplos: Negar emprego ou educação a alguém por causa de sua deficiência; fazer comentários ofensivos ou condescendentes; impedir a participação de pessoas com deficiência em atividades sociais, culturais ou esportivas; tratar pessoas com deficiência de forma diferente ou inferior em ambientes públicos.

Capacitismo estrutural: é uma forma de discriminação enraizada nas estruturas e instituições da sociedade, que perpetua a exclusão e a desigualdade das pessoas com deficiência. São barreiras incorporadas nas estruturas e sistemas, como:





falta de acessibilidade em prédios, transporte público e tecnologia; políticas públicas que não consideram as necessidades de pessoas com deficiência. Em nível sistêmico, afetando diversos setores da sociedade, como educação, saúde, trabalho, transporte e cultura.

Capacitismo recreativo: envolve usar pessoas com deficiência como "entretenimento" de maneira condescendente. Por exemplo: viralizar vídeos de pessoas com deficiência fazendo atividades cotidianas, debochando da forma como andam, falam ou realizam suas tarefas; frases como "Se até ele consegue, você também pode", que minimizam desafios in-

dividuais; fazer piadas de mau gosto, destacando a deficiência da pessoa, com frases como: "ri igual a um retardado."

Capacitismo Religioso: é uma forma de discriminação que utiliza crenças e dogmas religiosos para justificar preconceitos e estigmas contra pessoas com deficiência. Ele se manifesta de diversas maneiras, desde a exclusão de pessoas com deficiência de espaços religiosos até a crença de que a deficiência é um castigo divino ou resultado de pecado.

O capacitismo é um chamado para todos nós—um convite para re-avaliar como enxergamos as pessoas

com deficiência e o papel que desempenhamos na construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva. Para transformar realidades, precisamos começar desafiando os preconceitos internalizados, desfazendo estereótipos e reconhecendo que a deficiência não define ninguém; o que realmente importa são as possibilidades e singularidades que cada indivíduo traz.

Uma sociedade anticapacitista não se constrói apenas com discursos, mas com ações concretas. É uma sociedade onde rampas e elevadores não são "diferenciais", mas o padrão; onde todos os sites e tecnologias são pensados para incluir, não excluir; e onde as vozes das pessoas com deficiência são ouvidas e respeitadas, não silenciadas ou ignoradas. É um mundo em que a diversidade não é apenas aceita, mas celebrada como uma força vital que nos torna mais humanos e conectados

VERONICA LEGENTIL

Pedagoga com especialização em Pedagogia Empresarial, pós-graduada em Neurociência e Desenvolvimento Humano, pós-graduada em Neuropsicopedagogia e especialista em Diversidade e Inclusão. Atua há mais de 18 anos em RH e T&D, ajudando a construir ambientes corporativos mais inclusivos, especialmente para o público PCD. Foi a primeira mulher cadeirante a ocupar um cargo de Subsecretária de Políticas Inclusivas da Casa Civil do RJ. É também Palestrante e professora.

Rede social:
@veronicalegentil
(instagram)



ESCOLA TOQUE DE ES INFÂNCIA E REFORÇA DESENVOLVIMENTO IN

Em meio aos desafios da educação contemporânea, a Escola Toque de Esperança surge como um espaço onde o cuidado com a infância é prioridade. Fundada oficialmente em 2024, a instituição tem raízes em um sonho iniciado ainda em 2020 — período marcado por incertezas, mas também pela força de projetos que nascem com propósito. Desde então, o ideal de construir uma escola baseada em afeto, respeito e compromisso com o desenvolvimento pleno das crianças foi ganhando forma e estrutura.

Um dos pilares da escola é a parceria com as famílias. Acreditando que a educação começa em casa e se expande no ambiente escolar.



ESPERANÇA VALORIZA COMPROMISSO COM O INTEGRAL DAS CRIANÇAS



A Escola Toque de Esperança se define como um lugar onde cada criança é acolhida com carinho e acompanhada em sua trajetória de aprendizagem, levando em conta aspectos físicos, emocionais, intelectuais e sociais. A proposta pedagógica se apoia na escuta atenta, no brincar como ferramenta de desenvolvimento e na construção de vínculos sólidos entre escola e família.

“Nosso compromisso vai além do conteúdo. Queremos formar seres humanos íntegros, criativos e conscientes, que desenvolvam desde cedo o respeito às diferenças, o prazer de aprender e o senso de responsabili-

de”, destaca a equipe pedagógica da escola. Atendendo crianças de 04 meses a 05 anos, a instituição aposta em uma abordagem que respeita o ritmo de cada aluno, criando um ambiente seguro, estimulante e alegre, onde o aprender acontece de forma natural.

Um dos pilares da escola é a parceria com as famílias. Acreditando que a educação começa em casa e se expande no ambiente escolar, a equipe se dedica a cultivar relações de confiança e colaboração, envolvendo os responsáveis no cotidiano das crianças. “A família é nossa aliada indispensável no processo educativo. Valorizamos o diálogo constante e a construção conjunta do desenvolvimento infantil”, reforça a direção da instituição.

A Escola Toque de Esperança também estabelece como missão ser

referência não apenas pelos resultados pedagógicos, mas, sobretudo, pelos valores que cultiva. Com princípios como respeito, ética, solidariedade e humanização, a instituição busca contribuir para a formação de cidadãos ativos, empáticos e comprometidos com a construção de um mundo mais justo.

Entre os valores que orientam a atuação da escola estão a família como parceira essencial no processo educativo; o respeito como base das relações; a ética e a transparência como pilares institucionais; a solidariedade como prática transformadora; e um ambiente acolhedor para o desenvolvimento.

Em sua jornada, a Escola Toque de Esperança reforça que educar é mais do que transmitir conhecimento — é cuidar, inspirar e transformar.



PESQUEJÁ PROMOVE PESCA SUSTENTÁVEL E ENGAJAMENTO SOCIAL POR



O avanço da pesca esportiva no Brasil tem exigido estratégias que unam lazer, preservação ambiental e desenvolvimento das comunidades ribeirinhas. Atenta a esse cenário, a plataforma digital Pesquejá vem reunindo tecnologia, conscientização e dados científicos em uma única solução. Criado para apoiar pescadores e fortalecer o turismo sustentável, o projeto utiliza um aplicativo com diversas funcionalidades voltadas tanto para a experiência individual de quem pratica a pesca quanto para a proteção dos rios brasileiros.

Disponível para celulares com sistema Android, o aplicativo Pesquejá opera mesmo em áreas com pouca ou nenhuma conectividade. Ele permite ao pescador registrar capturas, marcar pontos de interesse, traçar rotas com GPS offline e acompanhar o trajeto até o local da pescaria. Também oferece uma ferramenta específica para denúncia de pesca predatória.

Essas informações, quando recebidas, são filtradas e enviadas de forma anônima para os órgãos de fiscalização e polícias ambientais, ampliando a vigilância em áreas de difícil acesso.

Além de registrar informações da pescaria, os dados gerados pelos usuários contribuem com projetos de pesquisa científica. As informações sobre capturas são utilizadas no monitoramento da ictiofauna e na construção de um banco de dados sobre o estoque pesqueiro brasileiro. A plataforma é parceira da TWRA – Aliança Tropical de Pesquisa da Água – em iniciativas como o Araguaia Vivo 2030, considerado o maior projeto de pesquisa de bacia hidrográfica do país. No caso do Vale do Araguaia, por exemplo, os dados fornecidos pelos próprios pescadores estão sendo usados por pesquisadores para acompanhar a presença e a circulação de espécies ao longo dos rios.

Estamos contando os demais organizadores de torneios de pesca esportiva para que levem o modelo de palestras também para suas regiões.

ENTÁVEL, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E OR MEIO DA TECNOLOGIA



“O aplicativo PesqueJá além de disponibilizar funções off-line como auxílio à navegação com GPS e apresentação de rota, para que o pescador saiba onde está, onde vai e como voltar ao ponto de início da pescaria, durante a pescaria, pode fazer registro de capturas, e também denunciar ocorrências de pesca predatória. Essas denúncias são filtradas e encaminhadas de forma anônima para os órgãos de

fiscalização e polícias ambientais”, explica Carlos Leite, CEO da plataforma. Ele destaca ainda que o envolvimento direto do pescador na geração de dados ambientais fortalece o conceito de ciência cidadã no Brasil.

A proposta é conectar pescadores, pesquisadores, educadores e poder público em torno de um mesmo objetivo: a proteção dos recursos naturais



aquáticos. Ao mesmo tempo em que facilita a prática da pesca esportiva, a plataforma cria mecanismos de controle, gera dados úteis para a ciência e atua junto à sociedade para promover a consciência ambiental desde cedo, por meio de ações educativas nas escolas e parcerias institucionais em diferentes regiões do país.

CONECTIVIDADE, UNIÃO E DESAFIOS NO SETOR

A expansão do PesqueJá esbarra em uma dificuldade comum a outras iniciativas digitais: a falta de conectividade em algumas regiões. Como grande parte das áreas de pesca esportiva está localizada em zonas remotas, o uso pleno do aplicativo ainda é limitado em determinadas localidades. Para reduzir esse impacto, a plataforma foi desenvolvida com funções que operam offline, mas a limitação do acesso à internet continua sendo um obstáculo para a troca contínua de informações.

Além da barreira tecnológica, o setor de pesca esportiva enfrenta a necessidade de maior articulação entre os seus integrantes. A ausência de ações coordenadas dificulta a implementação de políticas efetivas de preservação ambiental e sustentabilidade do turismo de pesca. Nesse contexto, a PesqueJá defende o fortalecimento da união entre pescadores, pesquisadores, governos e organizações da sociedade civil.

“Precisamos de uma união maior no segmento da pesca esportiva, principalmente nas ações conjuntas de monitoramento e preservação ambiental”, destaca o CEO da plataforma. Para ele, o trabalho coletivo é essencial para alcançar resultados que beneficiem tanto o meio ambiente quanto as comunidades envolvidas.



Essa visão de integração tem levado a plataforma a construir alianças com diferentes setores. No nível institucional, parcerias com governos estaduais, prefeituras e órgãos ambientais têm viabilizado a realização de torneios, projetos educativos e pesquisas em campo. No setor privado, a plataforma também dialoga com pousadas, associações de pesca e iniciativas locais de turismo sustentável.

A proposta é ampliar a cobertura do serviço e expandir sua atuação para novos territórios, mantendo o compromisso com a conservação dos recursos naturais e o desenvolvimento social. A construção de redes colaborativas, segundo a plataforma, é o caminho para consolidar a pesca esportiva como atividade sustentável no Brasil.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS E COMUNIDADES

Parte fundamental das ações da Pesquejá é o trabalho realizado em escolas públicas, especialmente em regiões ribeirinhas. Por meio de palestras e atividades educativas, a plataforma busca conscientizar crianças e adolescentes sobre a importância da preservação dos rios, dos peixes e da biodiversidade local. Essa abordagem tem como base o tema “Peixe Vivo Vale Mais”, que sintetiza a ideia de que o peixe vivo gera mais valor ao ambiente e à economia do que aquele retirado de forma predatória.

Durante os torneios organizados pela Pesquejá, como o circuito Gigantes do Araguaia e Rainhas do Araguaia, as atividades nas escolas incluem não apenas palestras, mas também a entrega de materiais educativos e jogos como dama, dominó e xadrez, que estimulam o raciocínio lógico e o interesse pelo meio ambiente. A proposta é criar vínculos entre as crianças e os temas ambientais de maneira lúdica e acessível.

“Nos eventos realizados pelo Pesquejá são realizadas palestras nas escolas da rede pública de educação sobre preservação do meio ambiente e a importância da preservação dos peixes nos rios e lagos, com o tema PEIXE VIVO VALE MAIS”, relata Carlos Leite. Segundo ele, esse trabalho nas escolas é um investimento no futuro da conservação ambiental.

Além das ações presenciais, a plataforma tem promovido concursos de redação sobre o tema ambiental, premiando os estudantes que melhor desenvolvem ideias sobre a preservação da fauna aquática. O prêmio para os primeiros colocados inclui passeios culturais em capitais como Goiânia e Brasília, como forma de valorizar o esforço dos alunos e ampliar sua visão de mundo.

Essa vertente educacional é considerada estratégica pela plataforma. Ao inserir a temática ambiental no cotidiano das escolas, o Pesquejá con-

tribui para a formação de uma nova geração de cidadãos mais conscientes sobre a necessidade de equilibrar o uso dos recursos naturais com a preservação da vida nos rios brasileiros.

EXPANSÃO DO MODELO E ARTICULAÇÕES NACIONAIS

Com os resultados alcançados nos últimos anos, a Pesquejá tem buscado levar o modelo de educação ambiental para outras regiões do país. A proposta é que a metodologia já aplicada em municípios do Vale do Araguaia seja replicada por outros organizadores de torneios de pesca esportiva, ampliando o alcance das ações de conscientização nas escolas.

“Estamos contatando os demais organizadores de torneios de pesca esportiva para que levem o modelo de palestras também para suas regiões”, afirma Carlos. A plataforma acredita que a multiplicação das experiências pode formar uma rede nacional de educação ambiental vinculada à pesca esportiva.

Além do contato com instituições educacionais, a plataforma tem estreitado relações com órgãos de turismo e meio ambiente em diferentes estados. A ideia é incluir as ações do Pesquejá em agendas oficiais de eventos, feiras e campanhas de preservação. Com isso, a atuação da plataforma ganha visibilidade e amplia sua base de apoio.

O diálogo com o poder público também se estende ao Legislativo, com apoio de parlamentares e comissões voltadas ao turismo e à proteção ambiental. Essas articulações têm sido importantes para garantir financiamento, apoio logístico e legitimidade institucional aos projetos promovidos pela plataforma.

A estratégia de expansão também envolve o uso de mídia e comunicação para divulgar os resultados e engajar novos públicos. As redes sociais da plataforma, as coberturas jornalísticas dos torneios e a participação em feiras do setor têm fortalecido a imagem do Pesquejá como referência nacional em pesca esportiva sustentável.